

2

JUAN GÓMEZ-JURADO BÁRBARA MONTES

AMANDA BLACK

O AMULETO PERDIDO



MAIS DE
3,5 MILHÕES
DE LEITORES
EM TODO O
MUNDO!

BOOK
SMILE

*Bárbara Montes quer dedicar
este livro ao Noah.*

*Juan Gómez-Jurado quer dedicar
este livro à Andrea e ao Javi.*

Personagens



Amanda Black: vive com a sua tia Paula desde que os pais desapareceram, pouco depois de ela nascer. Agora, aos 13 anos, descobriu a verdade sobre as suas origens: é a herdeira de um antigo culto dedicado à deusa egípcia Maat, cuja missão é encontrar e roubar objetos mágicos (e não tão mágicos assim) que, nas mãos erradas, podem ser perigosos para a sobrevivência da espécie humana. Além disso, tem de lidar com os problemas típicos de uma adolescente, que não são poucos, e treinar diariamente para que os poderes que começaram a manifestar-se no dia em que fez 13 anos possam desenvolver-se até ao seu máximo potencial.



Tia Paula: tia-avó da Amanda, bem como sua tutora e exigente treinadora. Ninguém sabe que idade tem, uma vez que aparenta ter entre 35 e 55 anos. Diz que já não está em forma, mas a Amanda acha que isso não é inteiramente verdade: já viu a tia fazer verdadeiras proezas durante as sessões

de treino a que a submete diariamente.

A Paula faria tudo pela Amanda, e a sua principal preocupação é mantê-la a salvo dos perigos inerentes à herança que recebeu quando fez 13 anos.



Eric: é o melhor amigo da Amanda; não só andam juntos na mesma escola, como também a acompanha para onde quer que as suas missões a levem. É um génio dos computadores e consegue piratear qualquer rede. Antes de conhecer a Amanda, era um rapaz solitário com quem toda a gente implicava, mas agora ganhou confiança e nada o atrapalha...

O que é normal, quando se está constantemente a enfrentar perigos que nos podem custar a vida! A mãe, e depois a Amanda, são as pessoas de quem mais gosta no mundo (embora também goste muito da Esme, amiga de ambos).



Benson: é o misterioso mordomo da família Black. Parece adivinhar os desejos e as necessidades da Amanda antes de ela abrir a boca. Aparece e desaparece sem ser notado, e parece estar na Mansão Black há mais tempo do que é natural — a Amanda descobriu uma fotografia muito

antiga em que o Benson aparece e... Tinha exatamente o mesmo aspeto que tem agora!

É o responsável por todo o equipamento necessário para as missões da Amanda e do Eric e é o inventor das engenhocas mais sofisticadas. Também sabe pilotar os carros, aviões e helicópteros guardados no centro de operações da Mansão Black e está a ensinar a Amanda e o Eric a operá-los. Para a Amanda e a tia Paula, o Benson é um membro da família, e já lho disseram em várias ocasiões.



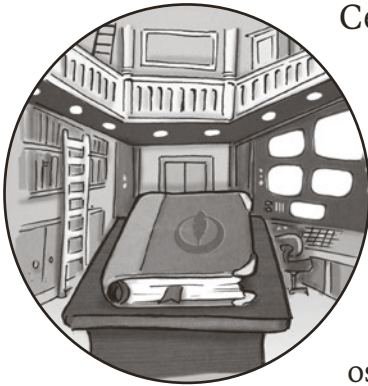
Esme: é colega de escola do Eric e da Amanda. Sabe da herança da Amanda e está sempre disposta a dar uma ajuda quando a amiga precisa. Adoraria acompanhá-la nas missões e espera que, um dia, ela lho peça. Entretanto, fica feliz por os ter como amigos, e por saber das suas últimas aventuras (e também gosta um pouco do Eric).

Locais



Mansão Black: a casa da família Black há centenas de anos. A Amanda recebeu a mansão e todo o seu recheio como herança, quando fez 13 anos. Enquanto o exterior está bem conservado, o interior nem por isso. Conseguiram equipar algumas das divisões para uso quotidiano, mas a grande maioria ainda está num estado deplorável e quase em ruínas. Aos poucos, a tia Paula, o Benson

e a Amanda vão trabalhando para a restaurar. O problema é que, apesar de possuírem a fortuna que a jovem herdou, não podem usá-la para fazer obras, porque temem que alguém descubra os segredos que se guardam lá dentro. A Mansão Black tem passagens secretas, salas que aparecem e desaparecem, e muitas coisas que a Amanda ainda não descobriu.



Centro de Operações: é o nome que dão à cave da Mansão Black e é onde são planejadas todas as missões da Amanda e do Eric. Escondida no interior do centro de operações está a Galeria dos Segredos, onde são guardados os objetos roubados em cada

missão (e que, enquanto continuarem a ser perigosos, não poderão ser dali retirados). Ali também se encontram os computadores mais potentes; um hangar, que alberga as aeronaves (algumas delas supersônicas) de que precisam para dar a volta ao mundo em tempo recorde; um vasto guarda-roupa com todos os trajes necessários, desde roupa de escalada a vestidos de gala; uma biblioteca; uma área de estudo; e parte do circuito de treino que a Amanda tem de fazer

todos os dias (a outra parte é nos jardins da Mansão Black, embora, neste momento, seja um tanto generoso chamar-lhes «jardins»).

Prólogo

Avançava pelo templo o mais cautelosamente que conseguia.

Enquanto me preparava para a missão, com o Benson, a tia Paula e o Eric, soubemos que o antigo edifício estava repleto de armadilhas, todas elas mortais. Aparentemente, a tribo Ronita era cautelosa e desconfiada por natureza, e preferia não deixar as suas relíquias desprotegidas para que qualquer um — neste caso, eu — pudesse deitar-lhes a mão. Já conseguira passar por três armadilhas, mas não sabia quantas mais restariam até à sala da estatueta sagrada. O meu objetivo.

Aquela estatueta, nas mãos erradas, poderia desencadear catástrofes naturais, por isso nós, a família Black, jurámos tirá-la de circulação.

Este plural é complicado. Digamos apenas que com a herança da família Black vêm algumas obrigações.

Os meus pais e, antes deles, os pais deles, passaram anos à procura da estatueta; no entanto, só há algumas semanas é que o Eric conseguiu finalmente localizá-la. Desde que encontrámos um livro empoeirado que falava da estatueta numa das câmaras da Galeria dos Segredos, o meu amigo estava determinado a encontrá-la.

O Eric pesquisara a tribo, os seus costumes e zonas de povoamento, consultara inúmeras fontes e passara horas e horas a estudar documentos antigos de bibliotecas esquecidas. E tudo isso a partir dos computadores do centro de operações da Mansão Black, claro.

Esse é o trabalho dele.

Este é o meu.

Percorri um corredor cujas paredes, construídas com blocos de fria pedra cinzenta, se perdiam de vista nas alturas. Na superfície lisa de alguns dos blocos de pedra, os ronitas haviam esculpido diferentes cenas. Acerquei-me do primeiro e tirei-lhe o pó com a manga. Aproximei a lanterna para ver melhor e abafei um grito de surpresa. Afastei-me da gravura com um salto. Demorei alguns instantes a recompor-me e a aproximar-me de novo. Tinha de a ver novamente.

A primeira pedra mostrava uma rapariga a olhar atentamente para algo numa parede. Na mão direita, segurava um estranho objeto de onde saíam relâmpagos... Poderia ser uma lanterna, mas os ronitas eram uma tribo antiga, não havia lanternas quando aquelas pedras foram gravadas. Aquela miúda estava vestida exatamente como eu.

Podia ser eu.

— Mas... O que é isto? — murmurei, à procura da gravura seguinte.

Aproximei-me. Mostrava a rapariga a caminhar pelo corredor. Avancei lentamente para a terceira cena. Mostrava a mesma jovem deitada no chão e cortada ao meio sobre uma poça do que poderia ser o seu próprio sangue. Por cima dela, pendia uma lâmina em forma de meia-lua.

Uma leve brisa acariciou-me as faces.

Atirei-me para o chão com a cara virada para baixo e cobri a cabeça com as mãos.

Sem pensar, sem hesitar.

Isto faz parte do meu legado.

Juntamente com a Mansão Black e a pilha de compromissos da família, recebi também certas... habilidades muito particulares. Reflexos incríveis,

uma agilidade felina, a capacidade de roubar o relógio que tens no pulso sem que te apercebas.

É isso que nós, os Black, somos.

Ladrões.

Um silvo anunciou a chegada da lâmina, que perfurou o ar no mesmo sítio onde, apenas um segundo antes, estava eu.

Foi por um triz, pensei.

Rastejei alguns centímetros até ultrapassar a borda afiada e levantei-me, sacudindo o pó da roupa. Foi por pouco, mas tinha de continuar.

Avancei com cuidado, à procura de outras armadilhas que os ronitas pudessem ter inventado — uma civilização quase desconhecida que habitara um canto esquecido da selva amazónica há séculos, e que, até agora, se revelara muito original na criação de armadilhas com o objetivo de matar, mas a dada altura haviam de ter ficado sem ideias.

Ou assim esperava eu.

Uma arcada de madeira pintada, com cores já desbotadas pela passagem do tempo, anunciava a presença de outra sala ao fundo do corredor.

Atravessei-a.

Diante de mim, num estrado, estava a estatueta.

Para divindade, desiludiu-me bastante. Era um pequeno boneco de madeira. Nada de espetacular nem de assustador, uma figura sem feições, feita em madeira polida e clara, que brilhava à luz da lanterna que eu lhe apontava.

— Tanta confusão por isto? — perguntei à sala vazia. — Não me parece assim tão perigoso.

Aproximei-me e peguei nele, para ver melhor.

Ouvi um estalido.

Desviei o olhar da figura de madeira, assustada, e olhei em redor para tentar perceber o que é que tinha feito.

Aquele barulho só podia significar que tinha feito asneira.

E das grandes.

O chão daquela divisão começou a abrir e a cair no que parecia ser um poço cheio de estacas de madeira afiadas; as paredes começaram a desfazer-se e eu fiz a única coisa que podia fazer: corri.

Tudo se desmoronava à minha volta. Corri o mais depressa que consegui, a pedir em silêncio que não restasse nenhuma armadilha que pudesse ser ativada pelo caminho, pois se a acionasse durante a corrida, morreria de certeza.

Corri por corredores e salas, enquanto blocos de pedra, grossos e pesados, ameaçavam esmagar-me pelo caminho. O chão desaparecia atrás dos meus pés a uma velocidade cada vez maior. Assim que tocava num ladrilho, ele afundava-se.

Não sabia se ia conseguir chegar à saída antes de que tudo se desmoronasse.

Não sei quanto tempo corri no meio da devastação, mas acabei por vislumbrar um ponto de luz que prometia a salvação.

Pedi às minhas pernas um último esforço e acelerei um pouco mais, quando achava que já não era capaz de correr mais depressa.

Tinha de conseguir. Não vivera o suficiente, e aquele macaco de madeira não ia levar a melhor.

Com um último salto, atravessei o portão do templo e rolei sobre as ervas.

Ainda só rastejara alguns metros para longe do caos quando, atrás de mim, um rugido tremendo me fez petrificar. Virei-me lentamente, apoiada nos antebraços, e olhei para o sítio onde o templo Ronita estava momentos antes.

Desaparecera, sem deixar rasto. No seu lugar havia um abismo, escuro e profundo, do qual se erguia uma coluna de pó.



Não restava uma única pedra do templo Ronita. *Muito bem, Amanda, pensei. Acabaste de destruir os últimos vestígios arqueológicos de uma civilização antiga.*

Não tive tempo para arrependimentos. Atrás de mim, ouvi passos apressados a aproximarem-se. Pus-me de pé e procurei um esconderijo. Só havia árvores à minha volta.

Saltei para o ramo de uma delas e comecei a trepar até desaparecer de vista. Um segundo depois, a vegetação circundante começou a estremecer. Contraí o corpo todo, pronta a atacar o intruso, derrubá-lo e depois fugir.

Apareceu o Eric, a gritar o meu nome.

— Amanda! Amanda! Onde é que estás?

Ele estava à beira das lágrimas, por isso não o fiz sofrer muito e saltei mesmo para a frente dele.

— Aqui! — exclamei.

Se alguma vez se perguntaram se um rosto humano pode exprimir alívio e os sintomas de um ataque cardíaco ao mesmo tempo, o Eric ter-vos-ia mostrado ali mesmo que sim, é possível.

— Estás bem? — perguntou ele, quando conseguiu acalmar-se. — Vimos, através dos drones, que o templo estava a ruir, e vim o mais rápido que pude... Estás bem?

— Estou ótima. Não te preocupes... E tenho... isto — respondi, mostrando-lhe a estatueta. Conseguiu não a deixar cair durante a fuga.

O Eric olhou para o decepcionante pedaço de madeira, depois para o abismo que eu provocara, e finalmente para mim.

— Parabéns?

Voltámos para o helicóptero que nos levaria para casa, onde guardaríamos a estatueta em segurança, na Galeria dos Segredos.

Podia não ser grande coisa, mas já podíamos riscar aquela tarefa da lista de obrigações dos Black. E conseguimos sair vivos.

Agora, esperava-nos uma semana tranquila de escola, longe de emoções e perigos.

Ou assim julgávamos.

1

As aulas de segunda-feira demoraram uma eternidade. Os meus músculos ainda não tinham recuperado da corrida de vida ou morte pelo templo Ronita e o meu corpo sentia o cansaço de um fim de semana cheio de aventuras e perigos, mas a tia Paula fora inflexível: não podia faltar a um único dia de aulas. Isso não era negociável.

O Eric e eu sobrevivemos a um dia inteiro de aulas aborrecidas, ao tormento da Sara e do seu bando, e ao teste surpresa de Matemática. Ao final do dia, já estava com saudades de correr por entre templos em ruínas.

A única coisa boa era que só voltaríamos a ter aulas na segunda-feira seguinte, por causa das Olimpíadas Escolares, um evento que se realiza de quatro em quatro anos. Rapazes e raparigas de todo o mundo competiriam durante o resto da semana para seleccionar a melhor escola em cada uma

das categorias. Não se tratava apenas de desporto, havia também teatro, experiências científicas e até um concurso de fotografia. Nós, que não fazíamos parte de uma equipa, não tínhamos aulas, embora a direção da escola nos tivesse pedido — com ameaças veladas — para irmos torcer pelos participantes.

Não era um evento que me entusiasmasse particularmente, sobretudo se tivermos em conta que foi organizado pelo Sr. Lapin, que, além de ser um dos construtores mais poderosos da cidade e o responsável pela Cultura e Desporto na Câmara Municipal, é o pai da minha arqui-inimiga, a Sara — que passou o dia a gabar-se, a quem quisesse ouvi-la, de que devíamos aquela semana sem aulas ao pai dela. Resumindo, a Sara estava ainda mais insuportável do que era seu costume, o que já ia muito além do que o resto dos alunos gostaria.

No final das aulas, eu e o Eric despedimo-nos até ao dia seguinte, quando teríamos de ir novamente à escola aplaudir um monte de gente que não conhecíamos, mas naquele momento não nos importávamos muito: estávamos ansiosos por chegar a casa e descansar... Bem, ele ia descansar, eu teria a minha sessão de treino com a tia Paula, além dos trabalhos de casa. Enfim, a minha tia dera-me

a escolher, e eu escolhera ser a herdeira da família Black, com todas as consequências inerentes. E, além de uma mansão empoeirada, de compromissos e de habilidades peculiares, herdei muito treino.

Nós, os Black, treinamos há milhares de anos. A história da nossa família remonta ao Antigo Egito. Pelo menos, tanto quanto sabemos.

Claro que, nessa altura, não nos chamávamos Black. Nessa altura, o nosso apelido era representado em hieróglifos com uma asa de pássaro e uma ave a olhar em frente, o que significava «preto».



Já te disse que somos ladrões, não disse?

Não, não do género de ladrões que invadem a tua casa quando não estás e levam a tua consola de videojogos. Não.

Nós, os Black, somos o que resta de um antigo culto egípcio que honrava a deusa Maat e se dedicava a retirar de circulação objetos que, nas mãos erradas, poderiam ser muito perigosos para a Humanidade.

Como o quê?

Pois, por exemplo, ferramentas para invocar deuses de dimensões sombrias, provocar um apocalipse de mortos-vivos, coisas desse género.

**QUANDO COMEÇARES ESTA COLEÇÃO,
NÃO CONSEGUIRÁS PARAR DE LER!**



AMANDA BLACK

O Lorde Thomas, uma figura importante da cidade, exige aos Black que devolvam um amuleto, uma pulseira roubada há muito para o bem de todos. O problema é que o amuleto já não está nas mãos da família. E quando a tia Paula confessa à Amanda que a bisavó dela ofereceu a pulseira há anos, as duas inventam um plano mirabolante para recuperar a valiosa joia.




A Amanda e o Eric vão seguir o rasto do amuleto até uma mansão assombrada, enquanto a tia Paula embarca numa perigosa viagem com o Lorde Thomas, para o impedir de descobrir a verdade.

**Conseguirá a Amanda proteger
a honra da família?**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

9+

ISBN 9789897878947



9 789897 878947 >